

NOVOS PARADIGMAS E JARDINS DE PROXIMIDADE

A SUSTENTABILIDADE COMO BASE DE DESENHO E DE MANUTENÇÃO

Desenhar espaços sustentáveis não inviabiliza o recreio das populações nem a qualidade estética da paisagem, defende a arquitecta paisagista Laura Roldão Costa, neste artigo que publicamos ao abrigo da parceria com a APEV (Associação Portuguesa de Espaços Verdes).

TEXTO: LAURA ROLDÃO COSTA (ARQUITECTA PAISAGISTA E DOCENTE NA UTAD)

lauracosta.ap@sapo.pt



Áreas de *Quercus suber* (Sobreiro) e *Quercus robur* (Carvalho alvarinho) em regeneração. O revestimento do solo faz-se com prados de sequeiro. Zonas destinadas a recreio passivo.

Aproveitamento da vegetação existente: Sobreiros e Carvalhos alvarinho. Revestimento do solo com prados de regadio. Zonas destinadas a recreio activo.



As actuais preocupações ambientais, económicas e sociais obrigam os projectistas e decisores a encontrar soluções para o espaço mais sustentáveis e integradoras de estratégias que definam soluções melhor adaptadas a cada local. Estes deverão ser capazes de assegurar uma maior perenidade dos materiais utilizados (quer sejam naturais, ou inertes), menores necessidades de manutenção entendidas como a redução do consumo da água e de energia, a redução da aplicação das quantidades de adubações, fertilizações e tratamentos fitossanitários e a minimização da quantidade de resíduos produzidos.

A redução dos consumos energéticos é um dos aspectos mais prementes e, nos

jardins, este aspecto deve ser ponderado quer no acto de construção quer ao longo da manutenção, quer seja de forma directa ou indirectamente, na manifestação de grandes movimentos de terras ou na utilização de materiais que incorporam energia na sua transformação e/ou reciclagem, ou no elevado número de cortes que se aplicam sobre os relvados, podas em árvores ou transporte de resíduos para vazadouro. A poupança de água e a preservação de solos de qualidade, dado serem recursos

naturais escassos, são outros dos factores fundamentais a ponderar no âmbito do projecto/manutenção sustentável.

QUALIDADE ECOLÓGICA

É neste contexto que se devem desenvolver os programas para construção de espaços verdes associados ao edificado (coberturas verdes, paredes verdes, jardins interiores), jardins públicos ou privados, Parques Urbanos e Parques Metropolitanos, Hortas e Matas, onde a preservação

da água, dos solos e da flora autóctone (sempre na perspectiva de conservação do banco de genes), se deve associar às questões do recreio, activo ou passivo, ao lazer e à educação ambiental das populações. Desenhar espaços sustentáveis não inviabiliza o recreio das populações nem a qualidade estética da paisagem, pelo contrário, diversifica os usos, a qualidade visual e ecológica e estimula as ligações com os diferentes espaços permeáveis.

No que diz respeito à existência de espaços verdes construídos com preocupações ambientais existem bons exemplos na Europa e, a título de exemplo, gostaria de referir o Parque Urbano de Avioso situado na Maia, Área Metropolitana do Porto, com uma área de cerca de 30 ha, que se destina a ser utilizado por um público vasto, onde foram preservados os sistemas naturais presentes no local: as linhas de água, solos (praticamente não se efectuaram movimentos de terras), vegetação (protecção da vegetação autóctone), controle das zonas a regar (áreas a regar em função dos recursos hídricos disponíveis), etc.

PAISAGEM GLOBAL

As actuais capacidades técnicas e financeiras que dispomos para intervir no território tornam-nos ignorantes no modo de nos relacionarmos com a paisagem e com os sistemas que a constituem, exercendo uma acção excessivamente brutalista, olhando para as características do território como condicionantes em vez de as considerar como potencialidades. Ou seja, porque se tem que alterar a topografia em vez de tirar partido do relevo? Porque não se podem minimizar os movimentos de terras e preservar os solos, as linhas de água, o coberto vegetal existente? Porque se definem/desenham áreas de regadio extensas com elevados consumos de água para os quais muitas vezes não existe o recurso água? Porque não se definem os programas/projecto depois de avaliadas as aptidões do território ou as capacidades dos recursos naturais existentes e as características específicas do local? Se estes aspectos fossem mais ponderados teríamos arquitecturas da paisagem (urbana, rural, florestal ou, de acordo com Ribeiro Telles, a Paisagem Global) mais sustentáveis.



Aproveitamento da vegetação existente dominando os Sobreiros e Carvalhos alvarinho. Ao fundo, prados de sequeiro e áreas destinadas a regeneração natural.



Aproveitamento da vegetação existente *Quercus suber* (Sobreiro), *Quercus robur* (Carvalho alvarinho), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo). Os *Eucalyptus globulus* (Eucalipto) estão a sofrer um processo de eliminação progressivo.

JARDINS DE PROXIMIDADE

Outras áreas sobre as quais se terá de reflectir prendem-se com as resultantes das dinâmicas da evolução dos territórios urbanos onde espaços anteriormente ocupados se tornam progressivamente degradados ou obsoletos perdendo as funções que desempenhavam no passado e/ou aqueles que resultam agora em interstícios esquecidos na voracidade continua e inesgotável da construção. Ao se olhar para estes lugares numa perspectiva de sustentabilidade encontramos um grande potencial e valor uma vez que podem ser criados jardins de proximidade (muitas vezes surgindo de dinâmicas das colectividades locais), hortas urbanas, espaços de regeneração natural, através de projectos de baixo nível de complexidade e de custos controlados e cujas soluções resultam substancialmente do aproveitamento das potencialidades dos espaços existentes. São vários os exemplos de parques ou de zonas verdes de protecção que nasceram a partir de "vazios" ou de espaços que foram ocupados pelo edificado e que tiveram ao longo do tempo

a capacidade de per si se regenerar por processos naturais, constituindo hoje espaços de grande valor ambiental possíveis de integrar na estrutura ecológica municipal ou regional e manifestando elevada aptidão para o recreio.

Hoje, com as actuais crises de crescimento das cidades, as grandes condicionantes financeiras, os problemas energéticos e de produção alimentar, o aquecimento global e a futura crise da água potável que a curto prazo se irá fazer sentir, tem-se necessariamente que desenhar Parques, Jardins, Hortas e Matas que reflectam novos paradigmas, onde a preservação dos recursos naturais e da biodiversidade sejam aspectos fundamentais e quando possível associados à produtividade. Estes paradigmas terão igualmente que ser capazes de gerar diferentes tipologias de recreio e devem estimular o Homem Urbano que se quer alimentar, respirar, brincar ou descansar, praticar desporto ou reaprender a viver com a natureza a viver de forma mais sustentável nos locais onde vive e trabalha. ■